

O outro e eu: a importância do contato físico nas diferentes culturas em tempos de pandemia

Cármina Geanini Nunes Monteiro de Souza (carminageanini@gmail.com)
Doutoranda – Universidade Feevale

Rosemari Lorenz Martins (rosel@feevale.br)
Doutora – Universidade Feevale

DOI: 10.18226/25253824.v7.n12.08

Submetido em: 31/01/2022 Revisado em: 17/06/2023 Aceito em: 11/07/2023

Resumo: Partindo da importância do contato físico para diferentes culturas, o presente estudo tem como objetivo geral discutir essa importância considerando o contexto da pandemia da Covid-19. Também tem como objetivos buscar informações sobre os costumes, as formas de cumprimento, as trocas afetivas em diferentes culturas, conhecer como está sendo encarado o isolamento social em outros países e associar a literatura ao cotidiano pesquisado. Por meio de questionários com moradores de outros países, seguido de uma análise de dados qualitativos, a pesquisa busca resultados que expliquem e discutam a importância do contato físico em outras culturas, pensando nos possíveis impactos frente ao distanciamento social. O estudo tem como apoio teóricos como Lévi-Strauss, Lins Ribeiro, Muniz Sodré, Clifford Geertz. A conclusão a que a pesquisa chega é que cada lugar pesquisado tem sua cultura e especificidade e que, diante disso, o impacto do distanciamento é maior. Contudo, a pandemia deixará restrições de distanciamento por longo tempo até que as pessoas se sintam seguras e seus costumes sejam novamente potencializados.

Palavras-chave: Contato físico, Covid-19, Cultura, Diversidade.

Abstract: Based on the importance of physical contact for different cultures, this study aims to discuss this importance in the context of the Covid-19 pandemic. It also aims to seek information on customs, forms of compliance, affective exchanges in different cultures, discover how social isolation is being faced in other countries and associate literature with the researched daily life. Through questionnaires with residents of other countries, followed by an analysis of qualitative data, the research seeks results that explain and discuss the importance of physical contact in other cultures, considering the possible impacts on social distancing. The study is supported by theorists such as Lévi-Strauss, Lins Ribeiro, Muniz Sodré, Clifford Geertz. The conclusion reached by the research is in line with the theme, showing that each culture is being impacted according to its experiences and peculiarities.

Keywords: Physical contact, Covid-19, Culture, Diversity.

Introdução

Diante do quadro de pandemia da Covid-19, muitas pessoas foram submetidas ao isolamento social por conta do risco de transmissão e contágio do vírus, a fim de minimizar a propagação da doença e a consequente mortandade pelo mundo. Frente a essa situação, perderam-se ações comuns em algumas culturas, como o abraço, o aperto de mão, o beijo e o toque, alterando formas de cumprimento e convívio. Alguns impactos estão sendo percebidos nas falas e nas ações na sociedade, principalmente no Brasil.

Em função desse isolamento, ações cotidianas passaram a ser mediadas por “máquina” (tecnologia), trocando o presencial pelo virtual, envolvendo a população em uma relação, não somente on-line, mas hoje, muito fortemente, *on-life* [1]. A sociedade buscou novas alternativas, reinventando rotinas de contato tais como o ensino remoto emergencial, as videoconferências, os pagamentos de contas por aplicativos, os *chats* e as conversas em grupos familiares pelo WhatsApp.

Entende-se por *pandemia* uma enfermidade epidêmica amplamente disseminada. A Covid-19 é uma doença respiratória aguda causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei,

na República Popular da China. Tratava-se de uma nova cepa (tipo) de coronavírus que não havia sido identificada antes em seres humanos. Ao todo, sete coronavírus humanos (HCoV) já foram identificados: HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, SARS-COV (que causa síndrome respiratória aguda grave), MERS-COV (que causa síndrome respiratória do Oriente Médio) e o mais recente – novo coronavírus (que no início foi temporariamente nomeado 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, recebeu o nome de SARS-CoV-2) [2]. Esse novo coronavírus é responsável por causar a doença Covid-19.

Desse momento em diante, o mundo passou a conviver de forma mais intensa com uma série de questões, entre elas a morte, o medo, a angústia, a incerteza, as restrições, os cuidados de higiene e a mudança de comportamentos. Uma das mudanças de comportamento significativa e necessária nesse contexto foi o isolamento social, o que, para o brasileiro, cujo contato físico é importante, trouxe impactos e, muitas vezes, certo desconforto.

Assim, busca-se pensar no impacto e na importância do contato físico em outras culturas, lançando-se alguns questionamentos: qual o impacto na sociedade do isolamento social causado pela Covid-19? Com o objetivo de discutir a importância desse contato em diferentes culturas, considerando o contexto da pandemia de Covid-19, este estudo traz uma discussão

relativa a essa questão, pensando na diversidade cultural, na alteridade, no etnocentrismo, na relativização e no corpo.

Fica, ainda, um outro questionamento em relação ao contato físico entre os humanos: com o término da pandemia, as diferentes culturas seguirão os mesmos padrões de comportamento? O que ficará como possível mudança entre as pessoas e suas relações? Para responder a essas indagações, objetiva-se buscar informações sobre os costumes, as formas de cumprimento, as trocas afetivas em diferentes culturas, conhecer como está sendo encarado o isolamento social em outros países por meio de questionário com moradores locais, além de buscar, na literatura, um entendimento acerca da cultura e da diversidade, relacionando os achados ao cotidiano pesquisado.

A pesquisa toma como base estudos de teóricos que investigam sobre a diversidade e a cultura, como Lévi-Strauss, Maria Cecília de Souza Minayo, Lins Ribeiro, Rita Segato, Muniz Sodré e Clifford Geertz.

1. Referencial teórico

Ao conceituar cultura, Geertz [3] referiu que:

[...] acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado.

Essa definição caracteriza a cultura a partir das experiências, das vivências e crenças de cada povo, traduzindo-se por meio de comportamentos, ações e costumes; interpreta-a segundo os preceitos das vivências de um povo que passam de geração em geração, a partir do significado que a acompanha.

Geertz [3] ainda contribui com suas ideias em relação ao comportamento humano frente à cultura, destacando que o povo é influenciado pela cultura por meio de símbolos significantes como palavras, gestos, desenhos, sons musicais: “ele os encontra já em uso corrente na comunidade quando nasce e eles permanecem em circulação após a sua morte, com alguns acréscimos, subtrações e alterações parciais dos quais pode ou não participar”.

Lévi-Strauss [4] traz que a cultura e a raça humana estão em um espaço de diversidade nas civilizações, pois homens de mesma raça produzem diferentes culturas. “Existem muito mais culturas humanas do que raças humanas, pois as primeiras se contam por milhares e as segundas, por unidades [...]”.

A cultura está inserida no ser humano desde que nasce e segue se constituindo por meio do tempo e do espaço, dentro de perspectivas morais, religiosas, sociais e estéticas, evoluindo e se transformando. Lévi-Strauss [4] sugere que:

qualquer sociedade pode, segundo o seu próprio ponto de vista, repartir as culturas em três categorias: as que são suas contemporâneas, mas que se acham situadas em outro lugar do globo; as que se manifestam exatamente no mesmo espaço, mas a precederam no tempo; finalmente as que existiram simultaneamente num tempo anterior ao seu e num espaço diferente daquele em que se coloca.

Cada cultura tem suas verdades, suas motivações, seus interesses, sua visão de mundo e de educação, dentro de seu juízo de valores. Isso a movimenta e traz a diferença entre as culturas, uma vez que, segundo Lévi-Strauss [4]: “[...] as culturas humanas não diferem entre si da mesma maneira nem no mesmo plano”. Esse movimento descentra a cultura do plano etnocêntrico e a traz para um relativismo cultural, pois, de acordo com o mesmo autor:

o que faz a originalidade de cada uma delas reside mais na sua maneira particular de resolver problemas, depor em perspectiva valores, que são aproximadamente iguais para todos os homens: pois todos os homens, sem exceção possuem uma linguagem, técnicas, uma arte, conhecimentos de tipo científico, crenças religiosas, uma organização social, econômica e política [4].

Nesse sentido, Lévi-Strauss [4] ainda apresenta uma importante constatação acerca da diversidade cultural: “a diversidade das culturas humanas, é de fato no presente, de fato e de direito no passado, muito maior e mais rica que tudo o que estamos destinados a conhecer a seu respeito”. Essa diversidade cultural remete a humanidade a conhecer, respeitar e poder dialogar com a riqueza que há entre os povos, em seus pensamentos e crenças.

Ribeiro [5] contextualiza o relativismo cultural enquanto discussão revisitada há décadas dentro da Antropologia e conceitualiza cultura como o significado de atributos universais compartilhados por todos os seres humanos. Complementa dizendo que “o termo *culturas* se refere às variações concretas de tais atributos em incontáveis contextos históricos e geográficos”. Discursos e declarações buscam obter uma aproximação com a diversidade cultural como direito, politizando a luta da diferença. Com o intuito de alinhar esse direito entre os povos, a Declaração dos Direitos Humanos e a Declaração Universal sobre Diversidade Cultural, tem buscado defender essa questão afirmando que “o respeito pela diversidade cultural, tolerância, diálogo e cooperação, em um clima de confiança e compreensão recíprocos, estão dentre as melhores garantias para a paz e segurança internacionais” [5].

Pensando a partir dessas percepções de aproximação com a diversidade cultural, Geertz [6] destaca que a diversidade cultural depende menos de nos separarmos dos outros, do que de definirmos o terreno a ser percorrido, nesse terreno desigual. Cada cultura tem um uso das coisas, uma definição acerca do que acredita e sustenta como certo/errado, bom/ruim, entendendo que “temos é de conhecer um ao outro, e viver com este conhecimento [...]”. Nessa perspectiva subjetiva, Sodré [7] destaca que “a diversidade

humana é algo a ser mais sentido do que entendido”. Assim, a diversidade deixa a razão causal e age a partir da dimensão espacial de sentir.

Assim como a cultura e a diversidade caminham em suas relações políticas, religiosas, morais entre outras, o conceito de corpo, suas relações afetivas, vínculos e percepções, também diferem entre as culturas, sendo cada uma com suas construções e experiências.

Reis [8] apresenta as percepções acerca do corpo segundo a teoria de Merleau-Ponty, partindo do ponto de vista da expressão na comunicação. Menciona, a partir disso, que “O corpo se expressa conforme o movimento perceptivo que realiza no mundo, pois a percepção se faz por meio de uma atitude motora, um gesto, a partir do qual acontece uma prática de habitação e sentido”. Ele destaca que o que o corpo comunica é a percepção do mundo e isso acontece antes mesmo das palavras. Tal percepção é a expressão, é ação subjetiva que parte do gesto, seja motora ou afetiva. Reis [8] contribui dizendo que a percepção é “a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo”.

Reis [8] salienta que “a percepção não possui um sentido fechado, mas um sentido aberto e por se fazer de acordo com o que é vivido pelo corpo no mundo”. Essas vivências fazem parte do todo e do que circunda esse corpo, esse sujeito, seja em forma de estímulos, de aprendizagens ou de experiências circunscritas em uma cultura que modela e move a expressão. O corpo e sua subjetividade estão carregados de significados que a cultura constrói, é atravessado pela afetividade e se posiciona no mundo segundo os preceitos de cada povo. Traz na motricidade a ampla performance da expressão corporal que Merleau-Ponty atribui como sendo a colaboração de estímulos sensoriais e motores. Reis [8] coloca que:

[...] a motricidade do corpo, então, possui um papel fundamental na gestualidade expressiva, na expressão enquanto gesto de significação. A motricidade é uma intencionalidade originária que faz a expressão aparecer, pois é em uma atitude perceptiva, em um movimento, que o corpo se expressa.

Cada cultura apresenta sua expressão corporal, afetando o outro a partir de sua ação, do significado e da identidade de cada povo. Reis [8] articula essa expressão com a motricidade dizendo que “o corpo age conforme a motricidade que, enfim, dá sentido à situação corporal, ao contato do corpo com as coisas e com os outros”. A partir da visão da comunicação, Reis [8] ainda salienta que:

[...] o corpo no mundo possibilita a comunicação da expressão, pois esta pertence ao corpo situado. O corpo é meio de expressão, na medida em que vivencia o mundo pela potência perceptiva e afetiva, que invade a experiência de si mesmo, das coisas e dos outros.

Situar o corpo na cultura em que está inserido, compreendendo suas expressões e comunicação, contribui para a construção de uma visão da diversidade e da relativização deste em meio a sociedade.

2. Procedimentos metodológicos

A importância do contato físico em diferentes culturas durante a pandemia da Covid-19, bem como os impactos causados pelo distanciamento social, foram discutidos a partir de uma coleta de dados com brasileiros residentes em quatro países diferentes, sendo respondido um questionário com perguntas abertas acerca da cultura, dos costumes e da percepção deles frente à situação da pandemia que assolou o mundo. O questionário foi enviado por meio do WhatsApp, no período compreendido entre 25/05/2020 e 01/06/2020.

As pessoas elencadas para este estudo fazem parte de um grupo em comum da pesquisadora, o que trouxe maior facilidade de acesso, e tiveram aceite via Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE).

Destaca-se que este trabalho integra uma pesquisa mais ampla, coordenada pela professora Rosemari Lorenz Martins, intitulada “Aquisição da Leitura e da Escrita de Crianças com Transtornos de Aprendizagem”, aprovada no Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), da Universidade Feevale, sob o número CAAE 17579619.9.0000.5348. No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, expõem-se sucintamente, na sequência, algumas informações que caracterizam a presente pesquisa. Os dados coletados por meio do questionário foram analisados e discutidos com base na teoria revisada.

A pesquisa, de cunho explicativo e com abordagem qualitativa, segue em forma de estudo de caso, para buscar, por meio das informações obtidas, responder ao problema, que é: qual a importância do contato físico para diferentes culturas, considerando o contexto da pandemia?

Os estudos para embasamento teórico foram realizados a partir de conceitos ligados à cultura, à diversidade e ao corpo, seguindo estudos de teóricos como Lévi-Strauss, Lins Ribeiro, Muniz Sodré, Clifford Geertz e Merleau-Ponty sob a ótica de Reis [8].

3. Resultados

Com base em um questionário distribuído a brasileiros residentes em outros países, foi feita a análise qualitativa e discussão acerca das respostas em contraponto com a teoria encontrada sobre cultura e diversidade. No Quadro 1 estão expostos os dados coletados, no período entre 25/05/2020 e 01/06/2020, em formato de síntese das respostas.

Quadro 1. Síntese das respostas coletadas.

Perguntas	Alemanha	Japão	Guiné-Bissau	Estados Unidos
Como as pessoas se cumprimentam, normalmente, no país em que você vive?	Aperto de mão, acenos.	Elas não se dão a mão; para se cumprimentar, eles se curvam, o que corresponde a bom dia, boa tarde, boa noite.	Abraço e dois beijinhos no rosto.	Aperto de mãos, abraços.
Como está sendo o contato das pessoas umas com as outras durante esta pandemia?	Está sendo normal, os alemães respeitam muito as normas impostas pelo governo. No início da pandemia, percebi muitos alemães conversando na rua a 1,5 m de distância. Atualmente, já se percebe uma aproximação maior. Mas o contato das pessoas continua sendo de cautela.	Evitam o contato o máximo possível, mas isto já naturalmente era assim, antes da pandemia. O contato físico aqui é mínimo, as pessoas não se abraçam, não se beijam, poucas expressões em público.	Inventaram um novo método de toque com os pés uns dos outros e cotovelos.	A maioria das pessoas acenam de longe, mas tem medo toda vez que veem alguém se aproximando na rua.
Você percebe se a população desse país tem sido afetada com a ausência do contato físico?	Creio que não muito. Pois a Alemanha em si já é um país de cultura mais reservada. Não percebi as pessoas sentirem necessidade de estar em constante contato físico ou encontro presencial.	Não tanto, porque aqui não há muito contato físico. Agora evitam conversar uns com os outros. Usam máscaras sempre e, quando está muito quente, não usam e também não falam com outras pessoas. Aqui o uso da máscara já é comum, assim como quando se está doente, se evitam lugares em que possa ocorrer contágio.	Sim, pois é costume sempre o contato em todas as reuniões e fica constrangedor para alguns chegar e não ser cumprimentado ou dar cumprimento.	Sim, uma onda depressiva afetou as pessoas nas últimas semanas, não falam de outra coisa a não ser do vírus.
Como você se sente inserido nessa cultura?	Não totalmente. A integração cultural é sempre um desafio, ainda mais vindo de uma cultura tão relacional como a brasileira.	Acredito que estou bastante inserido, eu faço parte da vida japonesa, meu filho participa da escola japonesa, tenho contatos com meus vizinhos e respeito todos os procedimentos e costumes.	Bem, já bastante aculturado.	Moro com americanos, então me sinto imersa na cultura através da convivência. Eles são bem gentis e interessados em saber mais sobre outras culturas.
Como você está se sentindo neste período de pandemia?	Bem, me sinto grato por poder estar em um país como a Alemanha nesse período. Um país de uma organização incrível, regrado, estruturado. O governo atacou rapidamente a pandemia e o país respira ar de tranquilidade atualmente.	Aqui, como já tenho um tempo mais prolongado morando, a ausência do contato físico afeta a mim por ser brasileiro pelo fato de eu gostar do contato. Estou acostumado com a falta de contato físico desde que eu cheguei.	Nos adaptando, a cada dia, as declarações do governo, saindo só quando é necessário para ajudar quem precisa de nós. Para dar assistência em várias áreas, apoio espiritual, distribuição de alimentos e socorro hospitalar.	Tentando ocupar minha mente e aprender coisas novas, me preparar para voltar com tudo. Não podemos controlar o que está acontecendo lá fora, mas podemos seguir as instruções do governo e controlar o que alimentamos nossa mente e isso é basicamente o que estou fazendo.
Após o término da pandemia, você prevê alguma alteração no comportamento das pessoas? Se sim, qual?	Acredito que mais interesse no mundo real. Nos encontros, uma valorização maior nos relacionamentos.	Acredito que a tendência seja a prolongação dos cuidados, que antes já existia um distanciamento social em tempos normais. As pessoas vão se precaver mais e querer menos ainda o contato físico.	Sim, acredito que irão valorizar mais ainda as pequenas coisas.	Acho que as pessoas vão ter que reaprender a socializar, aprender a valorizar muito mais a companhia das pessoas.
Qual a sua opinião em relação ao aprendizado que a Covid-19 deixará marcada na história da humanidade?	Mais solidariedade, menos individualismo, maior unidade, pessoas com a empatia mais desenvolvida, corações mais misericordiosos, esperança de menor indiferença. Enfim, acredito numa melhora nos governantes. Um melhor preparo, mais organização, maior atenção nos planos preventivos.	Já que a estrutura social do Japão é diferente do Brasil, eu acredito que aqui no Japão o distanciamento social será mais acentuado. Mas falando de forma macrosocial, penso que as pessoas se tornarão mais cuidadosas, haverá maior consciência social e respeito ao outro.	Sim, acredito que a história da humanidade foi dividida em duas vertentes, antes do Covid e após o mesmo. Ele serviu para mostrar o quanto a humanidade é frágil e que precisamos uns dos outros para sobreviver, que toda a profissão é importante e o que significa ter dinheiro se ele não pode curar. Que precisamos confiar que temos um Deus que tem o controle de todas as coisas. Passaremos a ver as pessoas de forma mais humana.	Acredito que esta pandemia ensinou que todo mundo é igual, não importa o quanto de dinheiro você tenha no banco ou quantos países você já visitou, que temos que pensar no próximo e olhar com carinho para as pessoas.

Fonte: elaborado pelas autoras.

A partir dos dados coletados por meio dos questionários, tem-se um panorama dos costumes e da percepção da importância do contato físico em quatro países diferentes no período de pandemia pela Covid-19, compreendendo quatro continentes: Europa, Ásia, África e América do Norte.

Por meio do questionário foi possível verificar que, em Guiné-Bissau, país do continente africano, que foi uma colônia de Portugal do século XV ao século XX [9], os costumes do povo são muito próximos aos do Brasil em relação ao contato físico, ao cumprimento e à importância dada a esse contato. Os Estados Unidos, embora sua colonização tenha sido inglesa, por volta do século XV [10], também apresentam costumes semelhantes aos do Brasil. Os participantes da pesquisa desses respectivos países trouxeram em seus discursos impactos significativos quanto ao distanciamento social causado pela pandemia.

A reação das pessoas frente ao distanciamento causados pela Covid-19 revela a influência do meio sobre os estímulos do corpo, cujos costumes e comportamentos se alteram diante de uma necessidade. Reis [8], baseada nas ideias do filósofo Merleau-Ponty, fala acerca do corpo e dos estímulos a partir destas vivências do meio:

Os estímulos afetam o corpo pela sua própria afetividade, pelo seu movimento afetivo no mundo. A afetividade e a motricidade, então, revelam um aspecto originário da percepção, a partir do que o corpo vivencia em um meio.

Na Alemanha, advinda do Reino da Prússia [11], o contato físico é mais restrito já de costume, mesmo havendo toque ao cumprimentar. O impacto do distanciamento social não é considerado significativo, visto que os alemães, segundo a pesquisa, apresentam uma cultura mais reservada. Diferente ainda dos japoneses, que descendem de povos jomon, yayoi e ainu [12], cujo contato físico é mínimo e as pessoas não se abraçam, não se beijam e apresentam poucas expressões em público. O próprio cumprimento seguido da inclinação do corpo, o *ojigi*, traz significados segundo o ângulo de inclinação.

No caso dos japoneses, o corpo expressa as vivências e os costumes, não deixando de comunicar ou afetar o outro, por usar multiformas dentro dessa comunicação. O sentido dado a partir da forma de se cumprimentar entre os japoneses expressa respeito, formalidade, obediência, pedido de desculpas e agradecimento [13]. A fala ou o gesto estão carregados de sentido na relação com o outro. Conforme Reis [8], “o sentido não é dado, mas compreendido, retomado por um ato na intersubjetividade, como objeto intencional, que transcende a si mesmo em direção ao outro”.

A ideia de corpo, de contato físico, de expressão e comunicação de cada país pesquisado reflete a diversidade cultural de povos que estão vivenciando a mesma problemática da pandemia. Além disso, o olhar para os cuidados do momento

e o aprendizado a partir da Covid-19 enquanto impacto social, afetivo e estrutural refletiram a necessidade de humanização, empatia, organização e igualdade entre os seres, aproximando questões de alteridade e relativismo.

Lévi-Strauss [4] fala da diversidade cultural em um plano muito maior e que esta diversidade varia conforme o tempo e o espaço, segundo as experiências diretas de cada sociedade, gerando um movimento em suas construções. Esta diversidade, segundo ele, é ativa: vê-se, pois, que a noção da diversidade, das culturas humanas não deve ser concebida de maneira estática”.

Frente à análise dos questionários, evidencia-se diferentes culturas dentro de um mesmo tempo, com suas especificidades e condutas e, assim como Lévi-Strauss [4] destaca, essa diversidade é “um fenômeno natural, resultante das reações diretas ou indiretas entre as sociedades”, fica clara que a importância do contato físico diante do isolamento social evidencia a cultura de cada povo, afetando-o segundo suas vivências e percepções próprias de sua sociedade.

Os reflexos desse distanciamento são vivenciados segundo cada costume, chegando a picos preocupantes no campo da saúde mental, como no caso dos Estados Unidos, relatado pelo participante local, acerca de ondas depressivas ocasionadas por conta do isolamento.

Embora todos os participantes da pesquisa tenham relatado que se sentem parte do local onde moram, aculturados, segundo eles, buscaram se adaptar ao momento pandêmico conforme as regulamentações governamentais e buscaram seguir tais critérios respeitando o país em que estão.

Culturalmente, o povo brasileiro retrata afetividade e contato físico maior do que os países pesquisados, ação herdada pelo povo indígena, que, segundo Rodrigues, Strey e Pereira [14]:

A bondade é um dos atributos mais gerais que constituem os(as) brasileiros(as), que é manifestada através da sua sensibilidade ao sofrimento alheio, da sua facilidade em esquecer e perdoar as ofensas recebidas, da tolerância, da hospitalidade e a da generosidade no acolhimento.

Esse nível de bondade e cordialidade aproximou alguns e afastou outros, cujos atributos supracitados não eram tão lactentes assim. Aproximou buscando empatia e sensibilidade ao olhar o outro, mas afastou, justificando-se por meio da doença como meio de defesa e proteção e, assim, pensando em si próprios. No que diz respeito ao povo brasileiro, alguns comportamentos se potencializaram com a pandemia, fortalecendo algumas ações em detrimento da “proteção”. Holanda [15] trata da questão do homem cordial ao se referir ao brasileiro, que traz uma amabilidade aparente, tornando embaçada a percepção a respeito do nosso povo.

Após o término da Covid-19, os participantes acreditavam que as pessoas seguiriam com os cuidados independente da sua cultura ou costume. O que fica como ponto forte é a humanização prevista pelos participantes da Alemanha, Guiné-Bissau e Estados Unidos, abrangendo o campo da empatia e do interesse pelo outro. O mesmo segue como reflexão e ensinamento advindo da crise vivenciada frente à doença, que atingiu o setor econômico, político, financeiro e social do mundo inteiro. O olhar voltado para os demais talvez seja um ensinamento segundo os participantes, que poderá mudar a história de muitos e a sensibilização de algumas culturas.

Considerações finais

A partir dos dados coletados para esta pesquisa, obteve-se a resposta quanto ao tema proposto, que foi a importância do contato físico para diferentes culturas, contextualizando o período de pandemia da Covid-19. Os questionários trouxeram um breve panorama da situação vivenciada por brasileiros moradores em quatro diferentes países quanto ao isolamento social, distanciamento, novas rotinas e perspectivas pós-pandemia.

Cada país apresenta sua cultura em função das experiências de seu povo, que se manifesta por meio de discursos, gestos e ações, o que faz parte de seu cotidiano como costumes e formas de se relacionar com o outro. Cada sociedade transmite por meio do corpo uma linguagem peculiar do seu povo, que varia desde abraços e beijos até acenos ou inclinações com o corpo, que são manifestações carregadas de significados e afetividade.

Segundo a pesquisa, a pandemia trará muitos ensinamentos, modificando relacionamentos e a forma de enxergar o outro em alguns países. Já em outros, perdurarão alguns costumes já enraizados que serão potencializados por essa situação mundial. Fica a possibilidade de novos estudos a partir deste, buscando-se novas informações diante da atualidade e do rumo que ainda tomará o mundo.

Referências

- [1] Floridi, L. (2015). *The Onlife Manifesto: Being Human in a Hyperconnected Era*. English Edition.
- [2] Organização Pan-Americana da Saúde. [s.d.]. Folha informativa sobre Covid-19. <https://www.paho.org/pt/covid19>
- [3] Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- [4] Lévi-Strauss, C. (1970). Raça e História: Raça e Cultura. In Comas, J. et al. *Raça e ciência*. São Paulo: Abril Cultural, 233-269.
- [5] Ribeiro, G. L. (2009). Diversidade cultural enquanto discurso global. *Revista de Antropologia*, 15(1), 1-20.
- [6] Geertz, C. (1999). Os usos da diversidade. *Horizontes Antropológicos*, 5(10), 13-34.
- [7] Sodré, M. (2006). Diversidade e diferença. *Revista Científica Información y Comunicación*, 3(1), 5-15.
- [8] Reis, N. B. (2011). O corpo como expressão segundo a filosofia de Merleau-Ponty. *Kinesis*, 3(6), 137-153.
- [9] Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. [s.d.]. *Guiné-Bissau*. Retirado de <https://unilab.edu.br/guine-bissau-2/2>.
- [10] Karnal, L'Purdy, S Fernandes, L. E. & Morais, M. V. de. (2007). *História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Editora Contexto.
- [11] Sousa, R. G. [s.d.]. *Civilização alemã: História da Alemanha*. História do Mundo. Retirado de <https://www.historiadomundo.com.br/germanica/civilizacao-germanica.h>
- [12] Handa, F. [s.d.] *História do Japão*. Cultura Japonesa. Retirado de <https://www.culturajaponesa.com.br/index.php/historia/historia-do-japao/>.
- [13] Redação Made in Japan. (2005, 20 de setembro). *Cumprimento japonês*. Made in Japan. Retirado de <https://madeinjapan.com.br/2005/09/20/cumprimento-japones/#:~:text=O%20povo%20japon%C3%AAs%20tem%20uma%20forma%20muito%20especial%20de%20se%20cumprimentar.&text=No%20Jap%C3%A3o%20a%20forma%20mais,ou%20%E2%80%9Cbom%20Dia%E2%80%9D>.
- [14] Rodrigues, R. A., Strey, M. N. & Pereira, J. (2007). *Experiência migratória: encontro consigo mesmo? Percepções de brasileiros sobre sua cultura e mudanças pessoais*. Canoas: Alethéia.
- [15] Holanda, S. B. de. (1995). *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.